

TERCEIRO DE UMA SÉRIE

O VAQUEIRO E O GAÚCHO

Mais os aproximam o cavalo e a cultura (portuguêsa), do que os afasta a ecologia

Fotos de Léo GUERREIRO e Nildo SEABRA

Escreve Carlos Galvão KREBS

para o Instituto de Tradições e Folclore da Divisão de Cultura

NATAL, Rio G. Norte — (Por cortesia de Mundialtur — Lóide Aéreo).

"Por mais que deseje ignorá-lo, por mais que procure distanciar-me dele, mais sinto que ele se gruda à minha lembrança, como se ainda boje a cavalgada pelas estradas e caminhos do velho pago onde nascei".

Ai está um trecho de legítimo sabor gaúcho. Pode ser assinado sem desdouro e com absoluta autenticidade por qualquer regionalista do Rio Grande do Sul. Cabe sob medida na boca de um personagem de Simões Lopes, como pode ter saído da pena de Coimbra Jacquin.

Mas pertence a Manuel Rodrigues de Melo, norte-nordestino do vale do Rio Açu, potiguar que se tem dedicado ao estudo de sua terra e de sua gente.

Não seria casual tamanha identidade. Vamos folhear suas três obras mais representativas, "Patriarcas e Carreiros", "Cavalo de Pau" e "Várzea do Açu", registrando — sem preocupação alfabética — vazes e expressões comuns ao extremo Sul e ao Nordeste do Brasil. Não temos nenhuma velocidade lingüística nem pretendemos que todas sejam esboços regionalismos do sul ou do nordeste. São constituintes, na quase totalidade, expressões vernáculas do uso abso-

Apamiguado — aguchado.

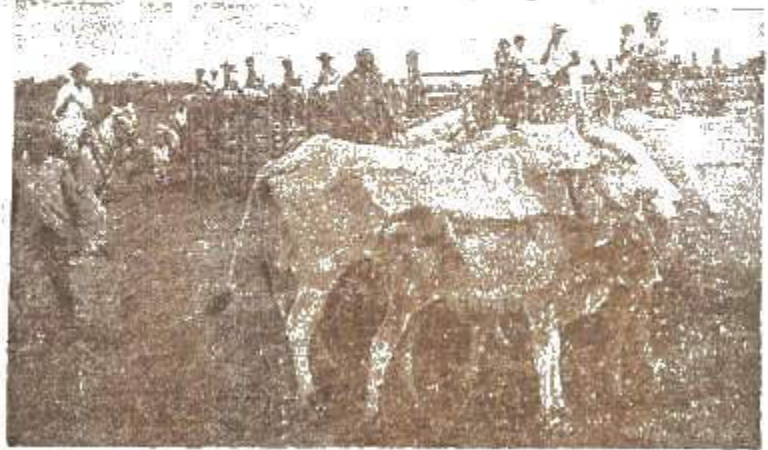
— tapera — gamela — en-
trevero — zorra — relance
— degola — bicheira — bra-
ça — freio — rancho — salô-
bra — tropelro — rebenque
— agregado — rapariga —
(prostituta) — trompasso
(sic), taludo — pacholice —
asso no dedo (o passarinho)
que você matar — córrego
— unha-de-gato — mutuca
— malhão (por maligno) —
mergulhão (ave) — socó —
teitê — serlema — oium,
bu — caracará — porteira
— cabresto — apeiar-se —
beneficiar (marcar, assina-
lar e castrar) — marca —
arreios — coice (culatra) —

loro — peitoral — rabicho
— aguapé — tutano — sus-
tância (por substância dos a-
limentos) — entupido (com
prisão de ventre) — reism-
pear — estar de nado (um
rito) — dar de redea (ao ca-
valo) — montar — quase
(por quase) — ô de casa! —
apelem-se e botem os cava-
los pra sombra — Comparan-
do mal — orelhas acabanha-
das — lanços (sequência, teo-
ria) — boia (comida) —
charque — marchante (co-
merciante de carnes) — ron-
côio — (ronco)...

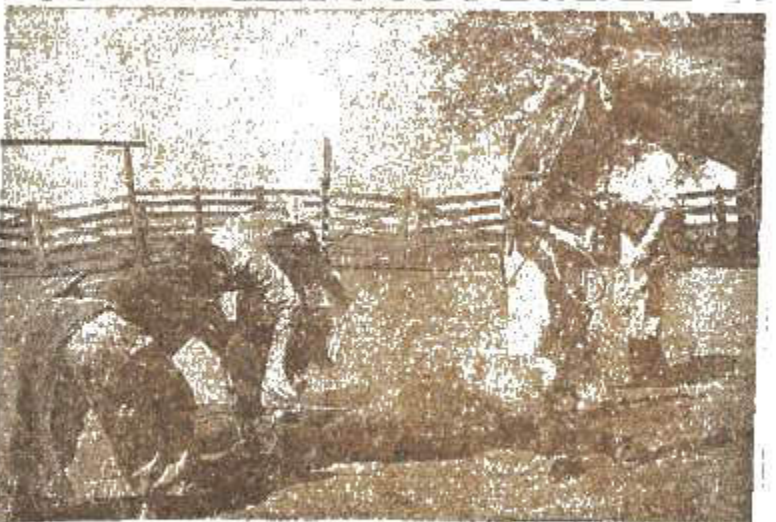
Se formos diretamente ao vocabulário inserido em "Várzea do Açu", encontra-
remos mais:

Apojar — aboletado — an-
dar no pélo (em pélo) — bar-
biecho — branquinha (ca-
chaca) — bodega — bode-
quelo — bodega — carão
(recreação) — côrpo (cor-
ruela de côrrego) — can-
ote — corredor lestrado —
cambada de filhos — cam-
beur — escoteiro — estrear
— embirrar — estrapico —
entretimento — função (ba-
le, festa) — garupa — ga-
bola — lchado (parto de
amadurecer) — passado (le-
m de madoro) — madorna
— negrejar — rincar — ta-
legada (coje).

No glossário colorado co-
mo abunda a "Cavalo de



Apesar de montar em sela, derrubar tudo pela cola, proteger-se com vestão de couro e viver na caatinga, o vaqueiro nordestino é no fundo o mesmo que o gaúcho



O gaúcho não monta em sela, usa o tucano e as bambuchas. Mas, para um ex-
comparativo, e mais completo do que o gaúcho, o nordestino é chegar ao nervo da questão: a
ecologia. Os homens cavaleiros, com a cultura fundamental de que é a pastagem

Apalavrado — afrontado
abombado) — arripunar
por repugnar) — acacha-
par — ancho (satisfeito, cheio
de si) — a bessa — biseite
— balta (grande) — baquo
— chifrudo (marido de a.
fútilera) — catatumba (por
catacumba) cocoruto — ca-
leiras (quadris) — coiceiro
— chiqueirador — diacho
— corruptela de diabo) — de-
picar — esprenmentar (por
experimental) — estrupiado
(sic) — set cristo (o bobo
pagante) — galinha (mari-
cas, medroso) — inticar —
lambuzar — mermado — o-
brigação (família) — pifão
— passarinho (cavalo es-
panholado) — pisadura (fe-
rida provocada pelos aríetes
no lombo dos cavalos) — pi-
xote (pichote) — porre — pe-
lega (nota de dinheiro) —
redemunbo — tapera — tu-
runa.

Também Luis de Câmara
Cascudo nos oferece um bom
rol:

Arnica (a velha panacéia
da farmácia caseira) — a-
gregado — noriteira — ca-
cimba — cigarrões de palha
de milho — agachado — ga-
var (por gabar) — cachaca
e bebida de milho — escara-
mucar — tubano dos ossos
vencidos a ponta de ferra e
puxado a língua — sustan-
ça (de alimentos) — gado
crioulo — canela — arre,
mediado (por remediado) —
marcação do gado — novilho
— abrir o cavalo — estar mal
montado — cavalo cabano —
coice (culatra) — estrupico
— bolcu — prá correr não
me acanho — ôlho dágua
— bicheira — de uma asse-
lada — loros — estribos — a-
frontado (abombado) — "cau-
so" — aparação — dôma de
potros — cavalo alazão —
— baio — melado — pangaré
pedrês — pampa — rosilho
e tordilho.

Quanto aos sinais utilizados
nos animais orelhados, pode-
remos alinhar estas denomina-
ções comuns às duas zonas, a-
poiados no mesmo Rodrigues de
Melo para o Nordeste e em arti-
go de Antônio Augusto Fagun-
des para o R. Grande do Sul;
canal, buraco (de bala para o
NE), ponta de lança, forquilha
mossa (por baixo, por cima ou
quadrada para o NE) e levada
(elevada, para o NE).

Muito interessante será dar-
mos também uma olhada na
nomenclatura da carreta, que
os nordestinos chamam carro
de boi. Vamos consultar três
autores diferentes. Primeiro, o
tantas vezes citado Manuel Ro-
drigues de Melo, com sua obra
«Patricarens e Carreiros» (1954)
focalizando o carro de boi nor-
destino. Para o Rio Grande do
Sul lançaremos mão de Hein-
rich A. W. Bunse («A Termino-
logia da Cana de Açúcar no
Rio Grande do Sul», 1957) e
Bernardino José de Souza («Ciclo
do Carro de Bois no Bra-
sil», 1958).

É preciso esclarecer que co-
existem no Rio Grande do Sul
dois tipos de rodado. Ao Nor-
deste do Estado, especialmente
Tórres e Osório, o de eixo fixo
a rodas echeas, tipo disco, que
é o comum a todo o país, in-
clusive ao Nordeste do Brasil.
E o de rodas com raios, inde-
pendentes do eixo, característico
da zona gaúcha e que se alas-
tra pelas repúblicas do Prata.

O primeiro tipo está registra-
do, seja por Heinrich A. W.
Bunse seja por Bernardino Jo-
sé de Souza ao litoral NE do
Rio Grande do Sul. A tábu-
central de suas rodas se cha-
ma «meião» ou «meião», respec-
tivamente ao NE do país e no
Rio G. do Sul, segundo Rodri-
gues de Melo e Heinrich A. W.
Bunse.

Os dois tipos de rodado, tan-

to, são encontrados em
leiro, se apresentam calçados
com chapas de ferro.

a nomenclatura moio e
dêntica para a carreta dos dois
tipos apontados;

RIO G. NORTE		R. GRANDE DO SUL	
M. Rodrigues de Melo		Heinrich A. W. Bunse	Bernardino J. Souza
Cabecalho		Cabecalho	
Chodas		Chodas	
Cadeias		Cadeias	
Requebem		Racacem	
Mesa			
Empurrielhas			
Tamoeira		Tamoeiro	
Tiradeira		Tiradeira	
Cambão		Cambão	
Fuchrus		Fuchrus	
Canga		Canga	
Canal		Canal	
Brocha		Brocha	
Ajoje		Ajoje	
Junta de bois		Parafusos	
Ponta		Ponta	
Quilças		Quilças	
Coice		Coice	

O nome dos bois obedecia à mes-
ma inspiração, lá a cá. Rodrigues
de Melo aceita os seguintes para
o Rio Grande do Norte: Muncho,
Pintadinho, Bargedão, Lavareda,
Beija-Flor, Anilho, Peliteiro, Ca-
roa e Sucubim. Heinrich A. W.
Bunse, para o Rio Grande do Sul:
Muncho, Boredão, Montecarro, Bo-
cheio, Soborbo, Romalho, Barrin-
so, Pacote e Fidalgo. José Bernar-
dino de Souza, também para o novo
Estado: Parcelha, Pacote, Ma-
raíha, Fortaleza, Tigre, Leão, Ra-
posa, Gambi, Voluntário e Valen-
te.

Como se percebe, além da dife-
rença entre o nome carro de boi
e carreta, tudo é igual. Menos o
munchacho, que os nordestinos cha-
mam mulque. Curiosamente Laura
Ayestarrá encontrou a voz mul-
que na fronteira do Uruguai com o
Brasil e significando precisamente
munchacho.

Pela restrição de espaço, natu-
ral a publicações jornalísticas, não
nos é possível explorar todo o va-
sto material de identidade entre o
Sul e o Nordeste brasileiros.
Mesmo assim vamos apontar al-
guns fatos variados, que funciona-
ram como boas amostras.

Também no Nordeste se cura pe-
lo rastão, virando o eixo dos a-
cúmulos abríhados. Também lá exis-
tem os curdeos e os curadores de
coira. Já não falamos na velha e
indesistível tenda que indica a
coira mamando no colo das mães
e colocando a criança na boca dos
seem-nascidos, como penduran-
do-se nos tetos da vaca leiteira.
Isso é antigo e pertence ao fol-
clore universal. Mas insistimos no
permanente: aqui e no Nordeste se
acredita que quem assoba de noite
está chamando coira... Quando
se mata uma, tem que se tor-
cê-la com o parelha...

Para sergo citado «Molher e
bolacha em qualquer parte se o-
cha», há correspondência no ge-
trâmbio nordestino: «Aqui é en-
mo bolacha, em todo canto se
acha».

O «Caranguejo, deusa folclórica
do Rio Grande do Sul, é canção
de roda infantil no afasgado Nor-
deste, como o nosso «Balaio», vin-
do do lá, já foi ebulia baiana e
lunda pernambuco, conservando
em seus versos, até hoje, o típico
fraseio nordestino: «Não quero ba-
lão, não, segundo descobriu Au-
gusto Meyer, Antônio Augusto Fa-
gundes, que acendou tais apro-
ximações, também surpreendeu os
tocadores de berimbau, na espou-
eira baiana, cantando fragmentos
do «Balaio», inclusive com alusões
maliciosas, para as quais muito
se presta.

Em relação ao folclore infantil,
do mesmo modo no recuado Rio
Grande do Norte as mães dizem
aos filhos como na campanha
gaúcha: «Dêdo mugidinho (ou min
mugidinho), seu vizinho, maior de to-
dos, ou pai de todos, tira-bola
canta (ou mata) pinhos... Assim
o «Cadê o bolinho (ou mugidinho)
que estava aqui?... Mas, talvez
um dos fatos mais surpreendentes
é a presença, em pleno interior
do Nordeste, daquele tão caracte-
rístico gadinho de oco, das es-
tências de brinquedo da piaçada
gaúcha.

Quanto à alimentação, foi na In-
calculada de Oficiais, Rio Grande
do Norte, que se inventou no Bra-
sil a carne seca, de sol, ou de char-
que, por extensão chamada do
Cará. Recordemos que, segundo
uma versão histórica, foi o ce-
arense José Pinto Martins, o fun-
dador da primeira charrada no
Rio Grande do Sul, em 1789 e
nos atrechos da atual cidade
de Pelotas, é apreciatiuima a co-
lhada em todo o Nordeste, como
o queijo doméstico, feito em en-
choa com os povos cá do Sul.
Também lá o vaqueiro decanta as
veladuras, justificando-as quô-
ques as inúmeras palavras do ran-
cho: «Se lá lagrão pra comê
tôra».

Os famosos cantadores do Nordeste? Os inúmeros, os saborosos "romances" do boi, de que o gaúcho "Boi Barroco" é ainda uma tênue reminiscência? E os tremendos improvisadores de lá, como Inácio da Cantigueira, o negro Fabião das Quelmadãs e tantos outros que deliraram um pasto luminoso e inapagável? Perfeta verção nordestina do trovador gaúcho. Seguramente com maior facundia e imaginação criadora, esbanjadas pelos desafios em fora.

Vejamos também estes versos tradicionais do Nordeste:

"A mulher e o cavalo
Morreram no mesmo dia.
Tive pena do cavalo
Que a mulher valia nada".

"A mulher e o cavalo
Morreram de madrugada.
Tive pena do cavalo
Que a mulher não era nada".

São quadrinhas de Alagoas. Do Rio Grande do Norte são estas outras:

"Minha mulher e meu cavalo
Morreram no mesmo dia.
Antes só fosse a mulher.
O cavalo é que eu queria.
Cavalo custa dinheiro.
A mulher não faltaria".

Versos folclóricos que se integram perfeitamente dentro do espírito gaúcho. Até parece que os fomos catar no "Cancioneiro Guasva" de Simões Lopes, ou no "Cancioneiro Gaúcho" de Augusto Meyer. Não obstante podem ser lidos nas "Tradições Populares da Pecuária Nordestina" de Luis da Câmara Cascudo.

Ainda uma das quadras populares mais conhecidas no Rio Grande do Sul diz assim:

"Tou velho, viro contente,
Morro quando Deus quiser.
Duas penas levo comigo:
Cavalo bom e mulher".

E o próprio Cascudo quem registra uma variante nordestina:

"Fui moço hoje sou velho
Morro quando Deus quiser,
Duas coisas aprecio:
Cavalo bom e mulher".

Aqui está a variante pernambucana, recolhida por Pereira da Costa e transcrita no cancionário de Augusto Meyer:

"Fui velho, tive bom gosto,
Morro quando Deus quiser,
A maior pena que eu levo,
Cavalo bom e mulher;
Por cavalo fui perdido,
Por mulher fui divertido".

E quem palmilhar a história da pecuária nordestina através das páginas de Câmara Cascudo ficará deveras espantado. Parecerá que lê a própria história da expansão das estâncias gaúchas. Foi a fazenda de gado que fixou a população no Interior do Nordeste, bem como no Rio Grande do Sul. «Becho que miña prá trás é que hoje homem prá frente». — é como se diz por lá. E lá também houve os campos indivisíveis, com

casas simples e até desconfortáveis. Mas chegou o momento em que «agora deparava a fronteira fechada com aqueles fios ericados e hesitos, (...) O arame deu ao vaqueiro, pela primeira vez... a imagem do limite». O mesmo caso do nosso gaudeário guilino, não é verdade?

Quanto aos «moreys»:

Para a amêica «Dou-lhe na cara» o nordestino responde logo: «Corto-lhe a mão». Tradução quase literal da nossa «Bofetada, não cortada».

Se um indivíduo entrava numa função, embandando sustar arbitrariamente o loque do harmônico, sem autoridade para isto, não havia outra resposta senão cortar no pau ou na face, conforme fosse o aproveitamento e a afronta.

No Nordeste, o maior dever do guarda-costa, dever de honra, era defender seu patrão, em face do perigo de morrer ou ser desrespeitado. Por outro lado, o maior dever do patrão, dever de honra e dignidade, era defender o seu cabra sob a ameaça de ser preso.

Ainda: «O desforramento era lavado com sangue, ora por morte do seu autor, ora por coisa pior, a castação».

E o testemunho de Manoel Rodrigues de Melo, Delxemos que ele mesmo, bom conhecedor dos bois com que lavra, fixe a psicologia do vaqueiro, do homem do Interior nordestino:

«O individualismo da nossa gente rural foi um dos traços mais característicos do nosso povo, até começos deste século. Vejam-se, por exemplo, aqueles homens padroes do I, II e III séculos, senhores de suas terras e com um senso aguçadíssimo da personalidade humana. Homens que não aguentavam pau-no-ouvido, nem deixavam sem resposta um aproveitimento vindo de fora...»

Ouamos agora o depoimento do outro poliglota, Luis da Câmara Cascudo, arguto e cauto, hoje situado pelos especialistas norte-americanos entre os oito mais destacados folcloristas do cenário internacional:

"No Rio Grande do Norte a pecuária é a própria história econômica até os primeiros anos do século XX (...) O ciclo do gado determina o individualismo do seu participante. Dá-lhe a noção imediata de independência, de improvisação, de autonomia, do livre arbítrio de arrojio pessoal". Em outra obra torna a reafirmá-lo: «...vaqueiro, tem na profissão o exercício da liberdade individual. Não está articulado num mecanismo social em que seu esforço se exerça mecanicamente no ritmo monótono da rotina. (...) O solidarismo não anula, antes reforça sua incomprimível personalidade».

E essa é precisamente a psicologia do gaúcho, como a de qualquer homem cavaleiro que se assumiu em todos os quadrantes do mundo. Já o disarpo definitivamente o venezuelano, crítico decriador de gado, general Antônio Páez: "No hay hombre cuerdo a caballo".

Tal identidade psicológica, além da cultura portuguesa, que tanto informa, basicamente o Nordeste brasileiro quanto o Rio Grande do Sul, mais aproxima o vaqueiro e o gaúcho do que os distancia a exterioridade acidental da vestia do couro e da bombacha, que são apenas uma decorrência ecológica.

Já mencionamos anteriormente: "Calso a geografia e a história tivessem aquiunhos os gaúchos do Rio Grande do Sul com a paisagem agressiva da aridez nordestina, também não engendraríamos nos outros uma indumentária resistente para romper "locólumes, as cantingas e os pedregais cortantes", no dizer do próprio Euclides?"

Da insinuação passaremos à prova, na próxima vez.